

# CREDIBILIDADE ABALADA

O governo brasileiro é incompetente, o resultado do calote de Itamar Franco deixará marcas na História do Brasil como as que os pombos que sobrevoam Brasília largam nos monumentos da cidade e o País, na opinião de um analista estrangeiro não-identificado, é um “pedaço de lixo fétido e putrefato”. Essas e outras pérolas estão na reportagem especial *Nuvens negras do Brasil*, da revista britânica *The Economist* desta semana.

“O gigante latino-americano, a oitava maior economia do mundo, que há apenas dois meses ganhou um pacote de apoio internacional de US\$ 41,5 bilhões para defender o real, admitiu sua derrota”, lê-se na matéria de capa da revista. “Nos últimos dois meses o governo se mostrou politicamente enfraquecido, incompetente e incapaz de frear governos estaduais caloteiros”, segue.

Segundo a revista, as credibilidades do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Tesouro norte-americano, as duas instituições que influenciaram os rumos atuais da economia nacional, dependem do desfecho da crise brasileira. E o rumo da economia nacional, da confiança que os mercados ainda tenham nessas instituições, que elaboram as políticas econômicas.

A reportagem prevê que, a princípio, o Brasil deve sair ganhando com o enfraquecimento do real. A supervalorização da moeda causava especulação e era uma das razões para as altas taxas de juros, que serviam de compensação aos investidores contra os riscos de uma então provável e, agora, concreta, desvalorização.

Sem o controle artificial do câmbio, os exportadores deverão tornar-se mais competitivos. As taxas de juros tenderão a baixar. A inflação deve encontrar uma inimiga à altura: “a profunda recessão” para a qual caminha o Brasil. Restarão reservas de mais de US\$ 35 bilhões.

Os problemas a partir da nova política, no entanto, começam a ser descritos no terceiro parágrafo da reportagem que abre o especial sobre o Brasil. Só terminam na última sentença do texto.

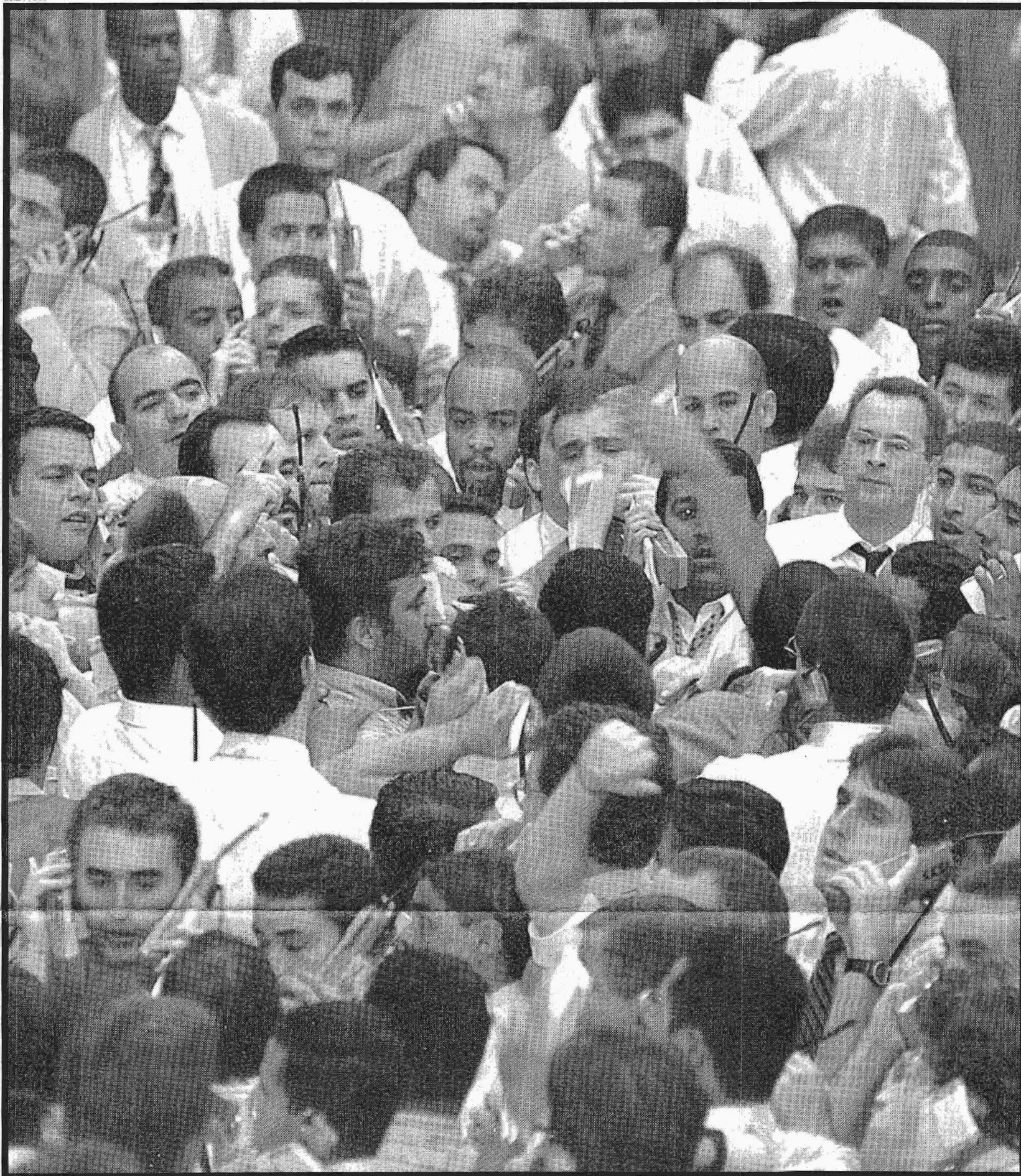
Encabeçando a lista de inimigos da economia brasileira enumerados pela mais importante revista britânica de economia está a “orgia fiscal”, em especial o déficit do setor público, que chega a 8% do Produto Interno Bruto (PIB). Os políticos nacionais teriam apostado que, com o câmbio estável, as altas taxas de juros e o controle inflacionário, o mercado nacional seduziria os investidores estrangeiros. Esperavam criar um colchão de moeda estrangeira suficiente para garantir o tempo para que as reformas orçamentárias atravessassem o “labirinto político do país”. Erraram.

E a desvalorização da moeda pode abalar o apoio popular do presidente, dificultando ainda mais a aprovação das reformas. “Fernando Henrique está inseparavelmente ligado a um real forte, uma política que ele próprio inventou.” Há um ano, em entrevista a *The Economist*, ele classificou como “desastre político” a possibilidade de uma desvalorização, em qualquer etapa do Plano Real.

## EMPRÉSTIMO

A visão apresentada pela reportagem advoga que o FMI continue apoiando o Brasil na tentativa de evitar a quebra do país. Faz, porém, a seguinte ressalva: “Se o Brasil falhar em cumprir suas promessas, será claramente errado jogar dinheiro

Luiz Prado



A semana foi de alta tensão nas bolsas de valores brasileiras depois que grandes investidores estrangeiros resolveram apostar na desvalorização do real

## TRECHOS

### O QUE A *THE ECONOMIST* DIZ SOBRE ITAMAR FRANCO

*“Os presidentes brasileiros nem sempre foram homens memoráveis, mas quem poderia esquecer Itamar Franco? Um antigo vice-presidente, empossado brevemente em 1992 depois que o titular fora expulso por corrupção, ele era conhecido por todos como o homem mercurial de cabelos desgrenhados e idéias, mais ainda.”*

*“Mas o que o sr. Franco estava armando? ‘Totalmente irresponsável’, bradou Tasso Jereissati, o notável governador do (bastante menos notável)*

*estado do Ceará, um forte aliado de Fernando Henrique.”*

*“Mas ele é um político astuto, à moda antiga, e esta semana pode ter finalmente feito sua marca na História do Brasil — mesmo que tenha sido à maneira pela qual os pombos fazem as suas nas grandes construções do Planalto.”*

*“Ele intimidou a Volkswagen até que ela reiniciasse a produção local de seu carro favorito, o Fusca original, naquele momento, indesejado até no Brasil. Ganhou a mídia*

*internacional quando convidou uma garota sem calcinhas para ficar ao seu lado no camarote da máfia local no carnaval. Mas ele também teve a sagacidade de escolher um certo Fernando Henrique Cardoso como seu ministro da Economia. E nunca perdeu seu ex-ministro por levar, como presidente, todo o crédito pelo plano antiinflacionário que se seguiu (esqueça o fato de que o mundo e os eleitores brasileiros achavam que Cardoso o merecia). Agora, Itamar deu o troco.”*



valorização da moeda japonesa, o yen. E os perigos de mercados instáveis na China e Rússia. Todos, inclusive o Brasil, agravam os perigos da supervalorização do pregão em Wall Street, o mais influente da economia mundial.

Mas, apesar da desvalorização da moeda ter sido interpretada pelos mercados, inicialmente, como “o começo do fim para a economia brasileira”, o quadro reverteu-se rapidamente. Os especuladores que apostaram em um efeito dominó da crise teriam repetido o erro cometido, recentemente, quando fizeram prognósticos catastróficos, como as consequências da crise asiática. “Para o investidor inteligente, a desvalorização no Brasil é apenas mais uma, na longa lista de esplêndidas oportunidades de compra”, lê-se na *The Economist*, que chega às bancas de Brasília na próxima terça-feira.

A arrogância anglo-saxã, que permeia adjetivos e comentários sobre o Brasil no texto, explode na última matéria do especial: “Itamar Franco tem sua revanche” (ver quadro). O ex-presidente e atual governador de Minas Gerais é destruído em um breve perfil.

bom no encalço de (dinheiro) ruim”.

A capacidade do Fundo de aumentar a confiança dos investidores nos mercados emergentes, emprestando moeda estrangeira aos

mesmos, é questionada. A crise brasileira trouxe de volta à imprensa as dúvidas reveladas pela crise asiática, e abandonadas quando uma pequena calmaria se

instalou na economia internacional no final do ano passado.

A segunda matéria da série, “Brasil amedronta o mercado”, abre lembrando a delicadíssima super-